

Turismo

Cristo de Encantado atrai investimento ao Vale do Taquari

Estabelecimentos já tradicionais do município se reinventaram e abriram os braços para o turismo

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

Em 2021, uma ideia audaciosa começou a sair do papel em Encantado, no Vale do Taquari: o maior monumento de Jesus Cristo do mundo — até mesmo do que o Cristo Redentor carioca — teve sua cabeça e seus braços içados. A estrutura foi oficialmente inaugurada em abril de 2025 e, desde então, tem recebido cerca de 35 mil turistas por mês. A conjuntura elevou a confiança de investidores e empreendedores locais, especialmente no setor de serviços.

A cidade de pouco menos de 23 mil habitantes passou a se reinventar. Estabelecimentos já tradicionais se ampliaram e abriram os braços para atender ao público de visitantes que passou a frequentar o município. É o caso do Hotel Rizzi, instalado na RS-129 há mais de 30 anos. Se, antes, os dormitórios eram

ocupados apenas durante a semana pelo turismo de negócios, hoje, uma reforma precisou aumentar o número de leitos para dar conta dos hóspedes que chegam aos finais de semana. “Aumentei 10 apartamentos e já tenho reservas até para outubro e novembro”, avalia a proprietária Adriana Rizzi, de 55 anos.

O movimento também possibilitou que os recursos de Adriana circulassem mais pelo município. Conforme ela relata, mais uma funcionária foi contratada para dar conta das demandas dos finais de semana. “E isso gira para todo mundo, para a senhora que eu compro bolo, para outra que eu compro salgado. Enfim, é uma cadeia”, comemora. O marketing do estabelecimento também mudou: hoje, até mesmo o logo referencia o atrativo turístico de Encantado.

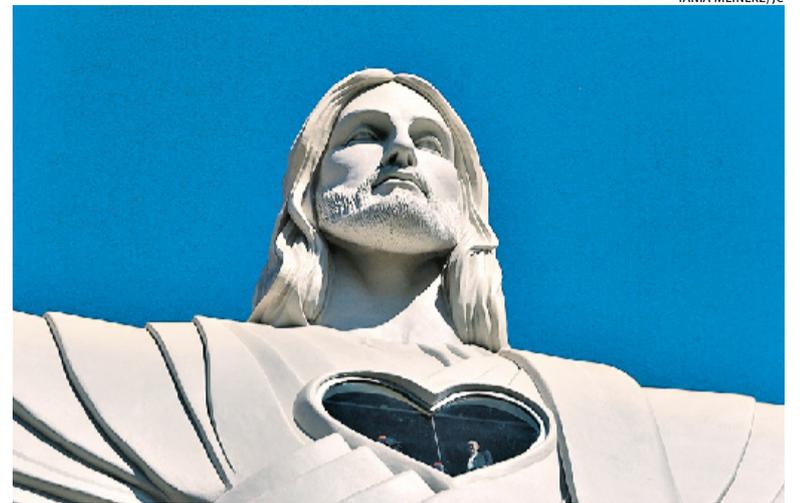
No Centro da cidade, a Padaria Dal Pizzol estima ter ampliado suas vendas entre 5% e 15% a depender do movimento do mês. “Seguidamente tem aparecido excursões, micro-ônibus durante a semana e aos finais de semana. Isso aquece principalmente a área de alimentação.

Tem sido bem positivo, estamos muito contentes”, pontua o sócio-proprietário Roni Dal Pizzol.

A percepção é compartilhada por Rafael Fontana, presidente da Associação dos Municípios de Turismo do Vale do Taquari (Amturvaes) e conselheiro-administrativo da Associação Amigos de Cristo, que é responsável pelo monumento. “A região já vinha se preparando com serviços de alimentação e hospedagem. Com o Cristo Protetor, foi feita uma integração da região, fortalecendo mais os empreendimentos. Hoje, o turista visita outros empreendimentos da região como um todo, até porque os municípios ficam muito próximos”, pontuou.

Um desses empreendimentos pensados antes mesmo da inauguração da nova atração foi o M Container, um gastrobar na RS-129 com um deque que oferece uma vista privilegiada ao rio Taquari. O negócio é chefiado por Márcia Finatto, artesã e professora que optou por empreender após seu ateliê ser atingido por uma enchente em 2020.

“Estava totalmente descreditada e desanimada, não via porque recomeçar. Mas, em



TÂNIA MEINERZ/JC

Atração inaugurada em abril recebe cerca de 35 mil turistas por mês

abril do ano seguinte, içaram os braços e a cabeça do Cristo. Isso foi para a mídia e deu uma repercussão. Voluntária ou involuntariamente, todo mundo viu uma luz no fim do túnel, uma esperança para Encantado que, até então, tinha poucas empresas”, comenta.

As sucessivas enchentes de 2023 e 2024, entretanto, frustraram o negócio de Márcia. Principalmente, com a interdição da estrada onde o restaurante está instalado, após o desabamento de encostas à beira da rodovia. O empreendimento continuou, mas o público ainda não é o suficiente para dar conta das dívidas contraídas pelas perdas no período.

Márcia acredita que um ponto sensível ainda seja a retenção dos visitantes no município. “O

movimento se acoplou praticamente só nas proximidades do boulevard do Cristo, que detém a gastronomia e o ingresso. O público só entra na cidade para visitar a igreja. Na RS-129, nenhum ônibus para no meu café porque eles já vêm com roteiros prontos. Isso é um trabalho que a longo prazo poderia ser revertido”, considerou.

Esse é um dos pontos com os quais a Associação Amigos de Cristo tem trabalhado. “Temos, nos próximos cinco anos, no mínimo de cinco a dez novos empreendimentos próximos ao monumento que vão ampliar o fluxo de turistas e aumentar a permanência na região, porque o visitante define sua viagem pela quantidade de experiências que vai poder ter no local”, projeta Fontana.

Geoparques fomentam economias locais nas Regiões Central e Vale do Jaguari

A Região Central e o Vale do Jaguari concentram geoparques que preservam o patrimônio geológico e paleontológico brasileiro. As instalações atraem visitantes interessados na história terrestre, contada por fósseis e florestas petrificadas.

Destinos comuns são Mata, no Vale do Jaguari, e São Pedro do Sul, na Região Central, com árvores petrificadas espalhadas por praças e ruas e um jardim paleobotânico de 200 milhões de anos. A fossilização preservou características da estrutura

anatômica da floresta de coníferas que existiu na região.

Embora seja difícil estimar quantos turistas vão ao município, o Museu de Mata, por exemplo, tem recebido uma média de 5 mil pessoas, quase o mesmo número de moradores locais. “Se o visitante chegar lá e consumir qualquer coisa, isso já está ajudando o comércio local”, avalia o professor do curso de Geologia da UFSM Átila Augusto Rosa.

A contribuição econômica e social dos geoparques vai muito além disso: “esse turismo parte de um desenvolvimento sustentável de base local, com a ideia de que todo mundo aprenda sobre os fósseis preservados aqui e que todos possam ganhar com isso, seja pelo conhecimento, por oportunidades de empreender ou até mesmo de lazer”, pontua.

No caso dos dinossauros, a Região Central é um prato cheio. De acordo com o paleontólogo e docente da UFSM Adriano

Figueiredo, é possível que eles tenham surgido lá entre 250 e 240 milhões de anos atrás. É por esse motivo que alguns dos fósseis mais antigos do mundo estão no local. Assim, foi criado o Geoparque da Quarta Colônia, que recebeu em 2023 reconhecimento da Unesco e reúne nove municípios: Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins.

“O que se busca é desenvolver o protagonismo e o empreendedorismo nos territórios a partir do patrimônio. Isso vem na forma de artesanatos, cervejas e vinhos que levam o rótulo do patrimônio geológico do município ou até mesmo pratos gastronômicos que fazem parte da cultura local e que são batizados em função de algum elemento geomorfológico”, avalia Figueiredo, que se envolveu na criação do geoparque.

Essa é uma forma de fazer

com que o PIB traga impacto direto na vida da população: “São construções de baixo para cima e partem de um anseio da própria sociedade, fazendo com que os cidadãos se envolvam no processo. Isso cria identidade. A sociedade vai se apropriando do patrimônio, passa a ter orgulho daquilo, e começa a se arriscar para empreender”, acrescenta o paleontólogo.

A chancela da Unesco tem contribuído para ampliar a credibilidade e a autoridade do projeto. Por isso, Figueiredo diz ter sido possível discutir investimentos com o Ministério e com a Secretaria Estadual de Turismo.

O Comitê Estadual de Gestão dos Geoparques, coordenado pela Secretaria de Turismo (Setur), também tem feito discussões para propor ao governo do RS um documento conjunto entre os geoparques gaúchos para desenvolver ações dentro desses territórios. Não há previsão de andamento do processo.



PREFEITURA DE MATA/DIVULGAÇÃO/JC

Em Mata, praça conta com troncos petrificados e atrai turistas